

# A PAZ ESTÁ DE NOVO EM PERIGO

## — Samora Machel em Roma

Inserimos a seguir o discurso pronunciado pelo Presidente da República, no banquete de Estado oferecido pelo seu homólogo de Itália.

O Povo Moçambicano aprendeu a conhecer a Itália durante os anos difíceis da nossa luta de libertação. Conhecemos a vossa tradição gloriosa de luta identificando na nossa experiência de explorados e de combatentes as experiências que ouvimos das vossas bocas. Conhecemos o Povo Italiano através de médicos e enfermeiros, que com extremo carinho e dedicação curaram homens, mulheres e crianças moçambicanas. Conhecemos-vos no caloroso acolhimento que sempre recebemos, no apoio seguro que aqui encontramos para fazer conhecer, no Ocidente, os objectivos justos da nossa luta.

Estive pela última vez neste país amigo há pouco mais de 8 anos, como Presidente da Frente de Libertação de Moçambique.

Na pátria ocupada lutávamos então pela nossa independência, pela libertação da terra e dos homens de Moçambique.

O colonialismo português mantinha-se com o apoio de governos de países ocidentais. Faziam-no em nome da civilização ocidental, uma civilização que nos chegava assim definida pelo chicote, pelo trabalho forçado, pela tortura, a humilhação e despersonalização quotidianas.

A Itália ajudou-nos então. O seu povo, Senhor Presidente, herdeiro dos valores mais altos da civilização ocidental, soube demonstrar-nos pela prática que a verdadeira civilização do Ocidente não se caracterizava pela humilhação racial, pelos massacres fascistas, pelas bombas de napalm.

Ao acolher, nesta sua bela capital, em Junho de 1970, uma conferência internacional de solidariedade com os povos em luta contra o colonialismo português, a Itália, através de um largo leque das suas forças democráticas, mostrou-nos que se pode ser um país ocidental e apoiar a causa da libertação dos povos.

Em Roma compreendemos como o Povo Italiano se queria dissociar da secular agressão de que éramos vítimas.

A partir de 1970, a Itália passou a ser um ponto de referência para cada moçambicano.

Quando vos conhecemos melhor, apercebemo-nos de quanto a humanidade e amor subjacentes à vossa solidariedade se enraizam no espírito de resistência.

Em cada firme antifascista italiano viemos encontrar o mesmo sorriso aberto, o mesmo brilho no olhar, a mesma fraternidade, franqueza e solidariedade que aprendêramos a conhecer nos nossos próprios companheiros de armas, no nosso povo.

Se hoje estamos nesta sala, como representantes de um Estado independente e de um Povo soberano, é também devido à vossa luta, à vossa solidariedade activa e consequente para com todos os oprimidos e explorados.

É esta experiência que o Presidente

Sandro Pertini sintetiza. A sua vida de dirigente antifascista, organizador da luta popular contra a tirania, de patriota exemplar, de lutador consequente, é património e orgulho de todos quantos lutamos para destruir a guerra e para construir a paz.

Mas a paz pela qual lutamos está de novo em perigo.

Novas armas ameaçam a sobrevivência da humanidade. A corrida aos armamentos, que os esforços mundiais da última década pareciam ter sustido, foi de novo desencadeada.

Em zonas desmilitarizadas e de paz, como o Oceano Índico, assistimos agora a uma escalada armamentista preocupante. Onde quer que os povos reivindicam o direito a viverem livres e realmente independentes, multiplicam-se as guerras de agressão localizadas.

Na África Austral o terrorismo internacional tem um representante: o apartheid.

A África do Sul é um regime em que o poder está fundado na cor da pele. O sul-africano de pele negra não goza de nenhum direito político, é discriminado na escola, no hospital, no trabalho, nos locais públicos. Ele é estrangeiro na própria pátria apenas porque é negra a cor da sua pele.

A minoria que exerce esta ditadura racial nazi-fascista funda o seu poder na força, na brutalidade, no crime, no terrorismo institucionalizado.

Para prolongar no tempo uma existência já condenada, o regime racista apetrechou-se com um poderoso arsenal, dotado das armas mais sofisticadas, com o qual oprime o Povo Sul-Africano, coloniza a Namíbia e leva a cabo acções de desestabilização contra Angola, Zâmbia, Botswana, Lesoto, Zimbábue e Moçambique.

Na Namíbia, o regime racista quer manter a sua ocupação ilegal e colonialista. Para tal, alimenta as iniciativas diplomáticas do chamado grupo dos cinco, enquanto agride os países da região e ocupa o território da República Popular de Angola, estado independente e soberano da comunidade internacional, membro das Nações Unidas.

A obstinada recusa da África do Sul em aceitar a aplicação do plano contido na Resolução 435 das Nações Unidas, a invasão de Angola, a política agressiva e belicista, a repressão interna cada vez mais brutal são reflexos da condescendência política e da cumplicidade económica, financeira e diplomática de certas potências ocidentais.

De novo ouvimos na nossa zona falar de aliados na defesa da civilização ocidental. De novo a defesa dos valores dessa civilização corre o risco de surgir na África Austral tutelada por um regime racista, colonialista e fascista.

Fiel à sua experiência de luta e à tradição democrática, mais uma vez a Itália soube, em contexto tão difícil, assumir uma posição clara.

Na pátria italiana continuam a ser apoiados a SWAPO e o ANC, únicos representantes dos Povos namibio e sul-africano. Neste país, são acolhidos como amigos, os dirigentes da libertação dos países ainda ocupados da nossa zona.

O Povo Italiano esteve, ontem, ao lado do povo do Zimbabwe contra os racistas e os fantoches, na denúncia das manobras do imperialismo, na preparação de quadros para a independência que se aproximava.

A Itália coloca-se hoje ao lado dos países agredidos da África Austral, apoia a estratégia regional para a nossa libertação económica.

A República Popular de Moçambique entende que a paz é condição fundamental do desenvolvimento e da cooperação. Pensamos que a cooperação internacional é indispensável para um progresso económico e social harmonioso de toda a humanidade.

Concebemos que a cooperação se deve basear numa relação de igualdade, no interesse recíproco das partes, nos benefícios e vantagens mútuas.

O facto de que, após 500 anos de colonialismo, o nosso povo recuperou a posse da sua terra e dos seus recursos naturais permite-nos estabelecer hoje acordos de cooperação com todos os países interessados em conosco participarem no desenvolvimento de Moçambique.

A nossa terra é fértil. O nosso mar

é rico. O nosso subsolo é abundante de recursos geológicos. Temos um povo trabalhador e engajado num grande esforço para vencer o subdesenvolvimento na presente década. Temos um povo orgulhoso da sua história, da sua personalidade, da sua independência tão duramente conquistada. Conhecemos agora toda a força que temos, sabemos, presentemente, que é possível eliminar a fome, a doença, a nudez, a ignorância, numa palavra, a única herança de séculos de colonialismo.

Na luta que travamos contra as sequelas do colonialismo temos, mais uma vez, o apoio do Povo Italiano: Os médicos, professores, engenheiros, técnicos, operários italianos que trabalham de Norte a Sul da República Popular de Moçambique. Eles são já parte e protagonistas da grande batalha que conduzimos contra o subdesenvolvimento. Eles são dignos representantes dessa Itália que o nosso povo, durante a luta de libertação, se habituou a conhecer como nação amiga, como povo irmão.

Senhor Presidente,

Permita-me que convide todos os presentes a juntarem-se-me num brinde.

A saúde e felicidade do nosso respeitado amigo, Sua Excelência o Presidente Sandro Pertini.

Ao esforço de amizade e cooperação entre os nossos Povos e Estados.

A paz, ao progresso e à felicidade dos povos.

A prosperidade de Vossas Excelências.